

Entrevista com a professora Mariana Gino

5 de julho de 2021

Arquivo Central - Fale um pouco sobre a sua experiência como bolsista no Arquivo Central (Arquivo Histórico àquela época).

Mariana - Bom, o Arquivo Central, que na época ainda era conhecido como Arquivo Histórico da UFJF, foi a minha primeira experiência como bolsista de projeto no campo da história. Eu comecei a cursar história na Universidade Federal de Juiz de Fora no ano de 2007. No início da graduação a gente tinha a disciplina Metodologia de Pesquisa Científica que era ministrada pelo professor Galba Di Mambro, que estava como Diretor do Arquivo. O Professor Galba sempre fala com muito ardor sobre a importância do Arquivo Histórico e isso foi aquecendo ainda mais o meu desejo em conhecer e a começar a trabalhar no Arquivo. Na época eu inciei como voluntária e trabalhava com os funcionários Tarcisio Daniel da Silva e Edna Silveira. Sempre muito pacientes, eles me explicavam e me ensinavam passo a passo e o meu amor pelo trabalho foi crescendo ainda mais. Justamente nesse período eu comecei a militar no movimento feminista negro de Juiz de Fora e a ver o quão difícil é para as populações marginalizadas promover ações de salvaguarda de suas memórias. E foi aí que principiei a buscar ações e projeto que estivessem voltados para a valorização das memórias "marginais".

Arquivo Central - Como foi sua trajetória até chegar ao CEAP?

Mariana - Eu comecei a trabalhar, no CEAP, no ano de 2015., com ações voltadas para o combate ao racismo e a intolerância religiosa dentro e fora do espaço acadêmico. Fundado na década de 1980 o CEAP é uma das primeiras ONGs negras do Brasil. Com mais de 30 anos de história, a ONG tem vários projetos em âmbito nacional e internacional e desde 2008 vem promovendo ações em prol das liberdades e da tolerância.

Arquivo Central - O que se pode observar sobre a representação e a recuperação da informação sobre as pessoas negras nos arquivos com os quais teve contato?

Mariana - Bom, não é um processo simples! Principalmente porque boa parte das memórias escritas produzidas pela população negra no Brasil foi silenciada durante anos. E atualmente não existe uma ação incisiva, a não ser por parte dos próprios movimentos negros, em evidenciar essas histórias que foram solapadas pelas Histórias Oficiais. Também precisamos pontuar que a palavra falada era, e ainda é, a base para salvaguardar as memórias das populações negras. A oralidade, assim como no continente africano, durante muito tempo foi o principal meio de resguardar e transmitir as nossas histórias. Não havia necessidade de escrita, pois a pedagogia oral era a base das nossas sistematizações, ensinamentos, contação de histórias, dos relatos dos feitos políticos e sociais. Mas como diz um provérbio africano: "Até que os leões inventem as suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis das narrativas de caça", então, para não correremos o "risco de uma história única"

em que as populações negras apareceram sempre como objetos na história, se fez extremamente necessário preservar e evidenciar as histórias negras e marginalizadas que foram silenciadas pelo "tempo".

Arquivo Central - Quais as principais dificuldades para se ter documentos relativos a essas populações marginalizadas e o que seria necessário para a preservação de suas memórias?

Mariana - Projetos e incentivos públicos que possam ajudar na salvaguarda dos documentos produzidos pelas populações marginalizadas. As ONGs brasileiras têm uma longa trajetória de ações voltadas para a valorização das culturas populares, de favelas e marginais, mas, o que recebem, como doações para a implementação dos seus projetos, não é suficiente para colocar em prática um plano de ação de proteção de tudo o que produzem.

Em primeiro lugar, o incentivo financeiro, pois o projeto voltado para a salvaguarda do arquivo já existe. Depois, uma conscientização da importância mnemônica dos arquivos marginalizados na construção da memória social do brasileiro.